



Pomeranos e Violência: um Estudo Fenomenológico

Pomeranians and Violence: a Phenomenological Study

Thiara Ferreira Potratz¹, Ariadne de Andrade Costa^{1,2}, Adriano Pereira Jardim³

¹ *Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos, Ribeirão Preto, SP, Brasil*

² *Departamento de Física, FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil*

³ *Faculdade Multivix, Vitória, ES, Brasil*

Received 17 October 2014

Resumo. Esta pesquisa investigou a percepção de descendentes pomeranos sobre o alto índice de suicídio e homicídio na cultura pomerana no município de Santa Maria de Jetibá, interior do Estado do Espírito Santo. Os participantes possuíam idades entre 25 e 60 anos, viveram na família situações de violência (homicídio, tentativa e suicídio, agressão) e residem no município de estudo. Foi utilizado o método qualitativo fenomenológico-semiótico para analisar os resultados. Pela análise das 8 entrevistas, concluímos que os pomeranos apresentam dificuldades de identificar quais são os hábitos e costumes da cultura pomerana e descrevem-se como um povo desconfiado, fechado, depressivo e não agressivo. Os fatores associados à violência mencionados pelos participantes foram o álcool e outras drogas, além do uso inadequado de agrotóxico.

Palavras-Chave: Pomeranos; Violência; Fenomenologia; Semiótica.

Abstract. This study investigated the perception of Pomeranian descendants about the high rate of suicide and homicide in the Pomeranian culture in the municipality of Santa Maria de Jetibá, in the state of Espírito Santo. Participants were aged between 25 and 60 years, faced situations of violence in their family (homicide, suicide and suicide attempts, aggression) and live in the municipality of the research. The qualitative semiotic-phenomenological method was used to analyze the results. Based on the analysis of eight interviews, we concluded that Pomeranians have difficulty in identifying habits and customs of the Pomeranian culture and describe themselves as a wary, closed, depressive and non-aggressive people. The factors related to violence mentioned by the participants were alcohol and other drugs, as well as inappropriate use of pesticides.

Keywords: Pomeranians; Violence; Phenomenology; Semiotic.

1. Introdução

Os pomeranos são um grupo étnico germano-eslavo imigrado para o Espírito Santo e outros estados brasileiros a partir da segunda metade do século XIX, já que a Europa estava sendo marcada por várias transformações sociais, políticas e econômicas. Santa Maria de Jetibá, um dos lugares para onde esses pomeranos imigraram, é conhecida como a cidade mais pomerana do Estado, preservando muito de sua cultura e seus costumes. Nessa cidade existe um grande índice de suicídio e homicídio entre os descendentes pomeranos. Assim, o presente artigo aborda questões socioculturais relacionadas a este fenômeno. A Seção 1.1 traz informações sobre os Pomeranos, enquanto a Seção 1.2 discute um pouco sobre a grande ocorrência de violência nesta comunidade. Nas seções seguintes apresentamos o método utilizado na pesquisa, os resultados obtidos e a conclusão do trabalho.

1.1. Pomeranos

Os Pommersch, como são chamados os pomeranos em língua pomerana, formam um grupo étnico descendente de tribos eslavas e germânicas que vivem na região histórica da Pomerânia, situada ao longo da costa do Mar Báltico, atualmente entre a Alemanha e a Polônia, conhecida hoje como Pomerânia Oriental. Os pomeranos falam a língua pomerana, uma língua baixo saxônica¹.

Os pomeranos, desde sua origem, são marcados pela busca de espaço para a sobrevivência. Viviam em terras do sul do Mar Báltico, cobiçadas por diversos países: Alemanha, Suécia, Dinamarca e Polônia. No século XII, enfrentaram mais de 20 guerras. De 1128 a 1400, tornaram-se dependentes comercial e culturalmente dos alemães – fugindo dos temidos poloneses. Os pomeranos foram dominados por Alemães, Poloneses e Soviéticos durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial².

A partir dessa realidade, sofriam dificuldades para preservar de seu modo de vida predominantemente agrícola. Associadas às condições decorrentes da Revolução Industrial, contribuíram para os movimentos migratórios na Europa e principalmente de emigração em direção a novos continentes. O Brasil foi um dos destinos dos pomeranos¹.

Acreditavam que no Brasil encontrariam a “Terra Prometida”, contudo foram largados em pequenos lotes de terra que recebiam em uma região montanhosa e

isolada, denominada Alta Pomerânia, atual município de Santa Maria de Jetibá. Eram deixados nessa região sem escola, estrada, acompanhamento técnico ou cultural. Com as dificuldades, foram aprendendo a plantar, se aclimatizando, se acostumando e se ajudando. Um dos rituais mais importantes dos pomeranos era o casamento, no qual a noiva se vestia de negro e a festa durava três dias³.

Em Santa Maria de Jetibá, atualmente, a maioria da população fala o pomerano no seu dia-a-dia, porém isso é mais comum na zona rural. As crianças na zona rural aprendem logo o pomerano, já que a família quase não tem contato com o português, que as crianças só aprendem na escola. Hoje acontecem aulas de língua pomerana nas escolas através do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO).

Uma questão importante de se considerar é a forma como os imigrantes foram ignorados pelo poder público brasileiro, mantidos sem acesso ao ensino da língua portuguesa, por exemplo, fazendo com que ficassem isolados⁴. Percebe-se que os casos de violência no decorrer da imigração podem ter interferido na formação das identidades e favorecido o isolamento. Essa violência pode ter ocorrido em partes devido às dificuldades de comunicação⁵.

1.2 Os pomeranos e a violência

Diferentes sociedades lidam de formas diferentes com experiências de morte e nascimento. Segundo Bahia⁶, a experiência de morte para os pomeranos possui uma gama de narrativas fantásticas, povoadas de seres mágicos, como o gavião-cova (hakaloch) que prediz a morte ao cantar perto da casa, assombrações, conversas com os mortos, noções de pureza e perigo nos ritos mortuários. Elas são socialmente construídas e expressam as representações coletivas acerca da vida e da morte.

Dentre estas experiências, a morte deliberada, como escolha individual, mais comumente denominada como suicídio, pode ser identificada em quase todos os agrupamentos humanos conhecidos. A palavra suicídio possui várias definições. De acordo com Werlang e Botega⁷, a ideia central se encontra no ato de “terminar com a própria vida”. Também é considerado comportamento autodestrutivo (comportamento suicida) nas diversas formas: com o uso de substâncias psicoativas, recusa a tratamento médico, determinados estilos de vida, etc.

Não são escassas as referências a suicídios na literatura médica. Estes atos costumam estar associados a demandas orgânicas geradoras de estados físicos de fragilidade ou perturbações nervosas (depressão, esquizofrenia, por exemplo). Assim, são amplas discussões entre acadêmicos de áreas diversas acerca de elementos psicossociais motivadores da morte voluntária⁸. Outros fatores também podem aumentar o risco de suicídio, como desentendimentos na família, estresse no trabalho, desemprego, pobreza, violência sexual e/ou física na infância, isolamento social⁹.

Em 2009, um estudo¹⁰ descreveu o perfil das ocorrências de suicídio e tentativas de suicídio no município de Santa Maria de Jetibá no período de 2001 a 2007. Neste artigo foram analisados 80 boletins de ocorrência policiais referentes a casos de tentativas de suicídio e 28 referentes a casos de suicídio no município (o que corresponde a um coeficiente de 11,4 tentativas de suicídio/ano). Com relação aos dias da semana, evidenciou-se maior número de tentativas de suicídio no domingo, com 30,0%, seguido de segunda-feira, com 16,25%. Já para os suicídios, a segunda-feira teve maior número de ocorrências (21,42 %), seguida de quarta e sexta-feira (85%).

Em relação à idade, evidenciou-se que 41,3% das pessoas que tentaram suicídio se encontravam entre 25 e 35 anos. Já entre as vítimas de suicídio, 32,1% se encontravam na faixa etária de 35 a 50 anos, e outros 32,1%, acima de 50 anos. Quando se comparou as tentativas de suicídio e o suicídio em relação ao sexo, as mulheres cometeram mais tentativas de suicídios que os homens, porém mais homens passaram da tentativa para o ato em si. Outro dado da pesquisa é que, dentre os casos de suicídio, o enforcamento é o mais utilizado (57,1% dos casos), e para as tentativas de suicídio prevalece o envenenamento por agrotóxico (42,5% dos casos)¹⁰.

Um estudo¹¹ realizado sobre o perfil epidemiológico do suicídio no extremo oeste do estado de Santa Catarina reuniu dados que, embora referentes à outra região brasileira, são relativos a contexto que também envolve aspectos comparáveis, como a etnia (descendentes de imigrantes europeus) e a atividade econômica (agricultura), com alguns dos que estão presentes na região de Santa Maria de Jetibá. Foram constatadas taxas de suicídio altas, variando, conforme o ano considerado, entre 10 e 13 ocorrências anuais por 100.000 habitantes.

No mesmo estudo¹¹ constatou-se prevalência de ocorrência entre homens (em média, 76,45% em duas décadas e meia). Foi evidenciado também que o

método mais utilizado para o suicídio foi o enforcamento com 76% das mortes em homens e 73% em mulheres. O envenenamento foi o consideravelmente mais alto entre as mulheres (11% contra 5% entre os homens). Deste modo, interessantemente, é notável o elevado percentual de enforcamentos nas duas pesquisas^{10, 11}.

São inúmeras as explicações sobre as possíveis causas do suicídio. Algumas hipóteses podem ser cogitadas, sem qualquer comprovação científica, tais como: os aspectos culturais da etnia alemã, na qual se pode identificar pouca demonstração de afeto nas relações pessoais, autoexigências muito fortes, pouca tolerância individual e coletiva a fracassos, etc. Por outro lado, a dificuldade de comunicação, o alcoolismo, o isolamento social, assim como a religião, também podem ser elencadas como possíveis causadoras dos suicídios nas comunidades estudadas¹².

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar a percepção de descendentes de pomeranos sobre sua cultura e a causa do alto índice de homicídios e suicídios dentre os pomeranos no município de Santa Maria de Jetibá.

3. Método

Para verificar a percepção dos pomeranos a cerca de sua cultura e da violência existente em Santa Maria de Jetibá, foram entrevistados oito descendentes de pomeranos (filhos ou netos de imigrantes pomeranos), com idades entre 25 e 60 anos, residentes do município de Santa Maria de Jetibá, interior do Espírito Santo, que viveram na família situações de violência (homicídio, tentativa e suicídio, agressão). As entrevistas, realizadas nas residências dos participantes, foram gravadas digitalmente e transcritas para análise posterior.

Considerando que este trabalho envolve a participação de seres humanos, houve a preocupação de zelar pelos direitos, bem-estar e pela dignidade dos participantes, consideramos as normas referentes à Resolução nº 196/96, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde¹⁴ e na Resolução nº 016/2000, de 20 de dezembro de 2002, do Conselho Federal de Psicologia¹⁵. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para integrar à pesquisa.

A análise dos resultados é qualitativa, orientada pelas três etapas do método fenomenológico-semiótico – descrição, redução (análise indutiva) e interpretação. A

descrição (Seção 2.1) apresenta o conteúdo da forma como foi expresso pelo participante, mantendo sua estrutura linguística original. O número do participante correspondente a cada frase é explicitado entre parênteses após cada trecho. A segunda etapa é a de redução (Seção 2.2), que é a investigação das diversas partes do sistema para descobrir o sentido da estrutura em si. Já a interpretação, questiona os relacionamentos possíveis entre o sistema e suas partes¹⁶.

4. Resultados

Os resultados estão organizados em três grandes seções: Seção 4.1 (Descrição Fenomenológica), Seção 4.2 (Redução Fenomenológica) e Seção 4.3 (Interpretação Fenomenológica).

4.1 Descrição fenomenológica

A partir de uma tematização geral do material transcrito das entrevistas, procurou-se preservar as amplas percepções, opiniões e sentimentos dos descendentes de pomeranos. As percepções dos entrevistados foram analisadas compondo onze temas principais que orientaram a entrevista. Os temas são apresentados a seguir.

4.1.1 Convivência familiar

Para os participantes, em primeiro lugar, a convivência familiar foi descrita como uma convivência boa entre eles. *“Graças a Deus é a melhor possível, não tem como ser melhor, tudo que eu puder fazer pela minha família eu faço né?!”* (Part1)

Segundo eles, depois do ocorrido a família se uniu mais, e também como qualquer outra família, já tiveram momentos de conflitos. *“Eu senti que depois do fato em si ter ocorrido, eu senti uma união maior com a família inteira”* (Part2). *“Tinha confusão com meus pais, minha irmã era bem afastada, isolada, mas eu era bem ligado a ela.”* (Part3)

4.1.2 Associação de hábitos pomeranos nas suas famílias

Ao serem perguntados sobre os hábitos pomeranos que existem nas suas famílias, alguns participantes alegaram que foram herdados dos pais. Alguns deles mencionaram como hábito a língua Pomerana, a vida religiosa e o tipo de alimentação (sopa, aipim, batata, inhame). Algumas frases mencionadas pelos participantes nas entrevistas formam: *“Hábitos seria o que eu herdei dos meus pais, que foi ensinado desse jeito, dessa maneira e a gente vai seguindo né?!”* (Part4).

“Ah, sei lá... a gente foi criado como pomerano né?! Então, a gente tem tudo...”
(Part5)

Outros participantes relataram como os pomeranos têm conflitos relacionados a questões financeiras e uma tendência à depressão e baixa autoestima.

“Os pomeranos são umas pessoas meio difícil de se entender né, porque eu acho que cada um quer ficar mais pra si em partes financeiras, e isso chega a esses pontos que as famílias tão meio desunidas né?! E hoje em dia você vê que acontece muita coisa em Santa Maria, começando já pela herança né, vários suicídios aconteceram de própria herança, que parece que, o pomerano tem uma memória mais fraca, não sei, sei lá se é inveja... você vê quantos casos tem aqui em Santa Maria de Jetibá né, muitos.” (Part3)

4.1.3 Hábitos culturais da família pomerana em geral

Perguntamos aos participantes como veem os hábitos culturais em geral. Foram relatados diferentes hábitos, como: *“Eu vejo como uma coisa maravilhosa, assim eu, pra mim assim é um orgulho ser pomerana, eu tenho orgulho da minha tradição.”* (Part1). *“Eles são muito fechados, não tem muito aquele convívio é mais a família ali e são meio ditos assim frios, é um povo que não tem muito aquele calor humano. Eu vejo também que são pessoas que tem muita união entre a família, mas qualquer pessoa diferente que aparece, parece que eles logo se fecham, são muito rígidos a mudanças também.”* (Part2). *“O pomerano é muito assim... Ele não olha muito pra isso o pomerano né, até hoje você vê que nossa cidade nem é muito cultura, acho que é até por causa disso né?! Porque, ele só pensa em trabalhar, trabalhar e trabalhar né, não quer mais saber muito de cultura, não quer saber se vai se divertir, só pensa em dinheiro né?! Por isso acontece tanta coisa em Santa Maria de Jetibá né?!”* (Part3). *“Eu acho que os hábitos culturais da família pomerana é mais a religião, a língua pomerana também né?!”* (Part4). *“Hábitos normais diante dos traumas que passaram desde a sua vinda da Pomerania ao Brasil, pelas dificuldades que geraram esta insegurança e fobia de enfrentar a situação de frente, fobia da fome, fobia de situações vividas na viagem que enfrentaram na travessia do atlântico.”* (Part6). *“Eu vejo no sentido assim, no interior, eu vejo que eles gostam da limpeza, da casa limpa e tal, mas eles não são assim tão sociáveis, no geral assim, os povos são muito sociáveis de querer ajudar as outras pessoas (...). Mas acho que eles são trabalhador, muito honesto, nesse sentido assim. Religioso também.”* (Part7). *“Os hábitos assim da cultura, alguns já, eu acho assim a maioria dos filhos*

não querem mais conversar o pomerano, eles sentem vergonha né?! E hoje eles estão precisando do pomerano e agora então eles querem né?! Acho que eles acham que foi uma perda que eles tiveram e agora eles estão querendo estudar outra vez. Então, muitos têm vergonha de conversar (...)” (Part8).

4.1.4 Violência no contexto familiar

Os participantes relataram que já tiveram casos de violência na família, causados por depressão motivada questões financeiras, estresse, excesso de trabalho e alcoolismo. Trechos: *“Uma parte era porque ela não era bem vinda lá em casa né? Tinha uns probleminhas com meus pais, né? Então, aquilo tudo ajudou”* (Part3), *“O suicídio do meu pai era depressão. (...) parece, que pra ele, o mundo tinha acabado então com a perda do pai dele e do meu avô, ele chorou muito aquele dia, e ai né aquilo então foi, eu acho que a maior causa dele.”* (Part1), *“ele inverteu a história todinha, dizendo que ela queria que ele fosse embora, que queria ficar sozinha, que queria arrumar outro, entendeu?! Tudo doidera da cabeça, é uma pessoa fraca. Ai pegou a faca, e queria se matar”* (Part2). *“Então, não dá assim, pra entender, o que aconteceu para ele fazer isso. E tem também o caso do álcool né, que bebia também né?! Ele bebia e depois ficava deprimido, depois que passa o efeito né?! Ai ele ficava deprimido e a gente acha que foi, nessas horas ai que ele fez o que fez”* (Part 5). *“Ele fez isso ai por causa da doença dele, ele tinha câncer. E ele sempre comentava, ‘se eu souber que eu tenho câncer eu me suicido’, ele sempre falava isso. Ele tinha depressão também. Depois disso não sei se ele desconfiou, ou alguém contou para ele, mas nós não contamos que ele tinha câncer e depois disso ele se suicidou”* (Part7). *“O tio da minha mãe suicidou-se, minha mãe se suicidou-se, uma tia minha tem depressão profunda há mais de 10 anos, eu já tive depressão, meu filho tem a síndrome de toque. No suicídio não estamos relacionados a nada, temos a pessoa ao nosso lado, tentamos ajudar da melhor forma, mas a depressão e a falta de amor pela vida, faz com que ela faça coisas que acreditamos que não faria”* (Part8).

4.1.5 Agressividade pomerana

Os participantes relataram que os pomeranos não são agressivos de modo geral, mas às vezes aparentam ser por serem muito fechados, desconfiados, não demonstrarem o que sentem e serem muito grosseiros, bem como consequência do alcoolismo (o que é muito frequente nesta comunidade) e do uso de agrotóxico. *“Ao*

contrário se fossem mais agressivos e violentos talvez tivessem a coragem de gritar, enfrentar as situações de frente” (Part6) ou ainda “não acho que eles são muito violentos não. Assim, no meu ponto de vista, eu acho que eles são meio, assim, talvez um pouco de ignorância e então a bebida associada ai sim” (Part4).

4.1.6 Álcool disparador da agressão

Os entrevistados ao serem perguntados se o álcool influencia no comportamento agressivo, eles apontaram que sim, que o álcool modifica as pessoas. *“O álcool praticamente deixa a pessoa fora de si, não é ela que tá lá, o que tá dominando é o álcool né?!” (Part1); “a pessoa muda completamente, acredito pela influência toda que o álcool faz no cérebro, nos hormônios todos da pessoa né?! E assim, o excesso desestabiliza, a pessoa sai um pouco de si” (Part2); “o pomerano, quando ele bebe não sabe o que ele tá fazendo, então é a hora que vai na agressão...” (Part3); “muitas vezes convive com uma pessoa sem álcool, sem nada, ele é totalmente diferente, na hora que toma um e outra, ele já fica mais agressivo.” (Part4); “acredito que o desespero diante da situação, falta de informações, estudos e mentes abertas”, os levam para o consumo do álcool, que todos nós sabemos que traz coragem, com isso eles começam a expressar realmente o que esta os afligindo, ai surge a violência em si.” (Part6); “o álcool é a pior coisa que existe no mundo” (Part8).*

4.1.7 O álcool e a cultura pomerana

Alguns participantes disseram que o álcool faz, sim, parte da cultura pomerana, que viam desde crianças que nas casas sempre havia bebidas alcólicas. Exemplo: *“eu não sei com a cultura pomerana, mas acho que o pomerano é bem mais envolvido com álcool, do que assim, outros municípios que não seja pomerano.” (Part4).*

Alguns pomeranos, contudo, afirmaram que o álcool não está presente na cultura pomerana. Por outro lado, outros não souberam responder precisamente: *“não tenho certeza, acho que nem só a cultura pomerana, mas a cultura brasileira em geral” (Part2).*

4.1.8 Existência da relação entre hábitos e a cultura pomerana com a violência

Nesse tema foi perguntando se a cultura e hábitos dos pomeranos têm algo a ver com a violência/suicídio/agressividade. Os aspectos encontrados apontam que a cultura não tem nada a ver com a violência/suicídio/agressividade. No entanto, alguns foram contraditórios em suas respostas. Há, ainda, os que não souberam responder. Alguns trechos das respostas recebidas para o presente tópico foram: “porque a violência é em geral” (Part1), “são mais os hábitos mesmo” (Part2), “devido bebida e a falta financeira, isso ajuda muito” (Part3), “é o modo de viver das pessoas” (Part4), “a psicologia faz com que possamos viajar dentro de nós mesmos e analisarmos o próximo e os motivos que os fazem ser como que são” (Part6), “mas são fechados, bem na deles e aparentam ser agressivos” (Part7).

4.1.9 Enfrentamento da violência/agressividade

Foi perguntado como os pomeranos lidam com a violência e agressividade e muitos responderam que os pomeranos acabam se fechando mais ainda, e que têm muita dificuldade de pedir ajuda, “eles acham que a pessoa tem que se ajudar sozinha” (Part1), “tem pensamentos negativos, não são otimistas” (Part4), “muito silêncio” (Part7). Outros que trouxeram elementos diferentes, como: “eles não perdoam, guardam rancor” (Part8), “lindam como uns capachos, capachos de outras raças” (Part6).

4.1.10 Histórico de isolamento e violência

Os participantes foram questionados se o histórico de isolamento contribui para a violência e agressividade. Muitos disseram que sim: “eles sofreram muito quando vieram pra cá, né, que nem não podiam falar mais depois da guerra o pomerano né, tiveram que se esconder, então não podiam mais pregar o evangelho, que nem os pastores, sempre tiveram que ficar escondidos, né? Daí eles estão revoltados com isso também né, uma revolta dentro deles e isso eu acho que contribuiu.” (Part8).

Outros participantes discordaram que o isolamento influencia na violência: “no começo quando vieram para o Brasil, eles se isolaram, mas depois que a gente nasceu tá tudo mais, assim, misturado o pessoal né? Então, eu acho que não tem influência não” (Part4).

Um dos participantes negou até mesmo que os pomeranos sejam violentos: “não existe esta agressividade que você imagina, faça uma análise de quantas mortes ocorrem no município de Santa Maria de Jetibá, por ato de violência praticado por um pomerano, parta do princípio que Santa Maria tem 30.000

habitantes, analise com outra região parecida que tenha outras etnias, verá que os pomeranos são muitos mais passíveis e complacentes que você imagina.” (Part6).

4.1.11 Evolução da cultura e seu impacto na violência/agressividade

Foi perguntado aos participantes como as coisas vão evoluir para a cultura pomerana e se no futuro vai se perder, abrir ou vai permanecer como é. Os participantes responderam vários aspectos, muitos disseram que a cultura vai se perder, que na verdade para alguns a cultura já esta se perdendo. Também mencionaram que vai depender da nova geração. Há outros que acham que a cultura vai ter, sim, sua evolução: *“Santa Maria de Jetibá já tem planos de abertura cultural, onde a miscigenação já faz parte local, com a chegada da globalização e alfabetização deste povo e ajuda das ONGs, acredito que vai melhorar e muito. A cultura vai se perdendo e mudando com o tempo” (Part6), “eu acho que ela continua, com algumas melhorias, eu acho que ela não se perde não. Mas ela assim, ela vai fluir pelo mundo globalizado, com muita informação, todo mundo...” (Part7).*

Também foi perguntado aos participantes que impacto a evolução na cultura pode ter na violência/agressividade da comunidade pomerana. Ao tentarem responder, observamos dificuldade para entenderem a pergunta. Mas alguns responderam que não haverá impacto: *“você quer conversar de cultura e os pomeranos não tem tempo, só pensa em trabalhar” (Part3), Um deles disse que haverá influência na violência, por conta da miscigenação: “vai ter o lado positivo e vai ter seu lado negativo” (Part2). Outro participante também acredita que pode haver mudanças: “se evoluir, podem se sentir feliz, né?” (Part8).*

4.2. Redução fenomenológica

Em questão dos hábitos pomeranos, os participantes demonstraram uma grande dificuldade em identificar hábitos culturais desta cultura no seu cotidiano. Sabem que foram herdados pelos pais, porém por vezes sabem, como por exemplo, a língua pomerana, e outras vezes não sabem dizer exatamente que hábitos foram esses, tanto em relação às suas famílias, como em relação aos pomeranos em geral.

Notamos que os participantes apresentam dificuldades de comunicação. Muitas vezes não conseguem entender as perguntas nem respondê-las de forma coerente. Essa dificuldade de comunicação dificultou a entrevista. Contudo, esse

ponto agrega informação sobre como são de fato os participantes entrevistados, fornecendo uma noção sobre a população pomerana.

Compreendemos que nenhum deles percebe e assume o alto nível de violência (homicídio, agressão, suicídio, tentativa de suicídio) existente entre os pomeranos, o que é muito contraditório dado os casos de violência dentro de suas próprias famílias (praticamente todos têm ao menos um caso de suicídio de um parente próximo, sem mencionar os outros casos violentos).

4.3. Interpretação fenomenológica

O último passo da análise fenomenológica é interpretar os elementos da descrição e da redução fenomenológica. Cada participante descendente de pomeranos descreveu suas percepções em relação às questões sociais e culturais no alto índice de suicídio e homicídio. A partir desses relatos, o confronto dos dados colhidos com a literatura sobre o tema foi organizado em torno de três questões norteadoras: hábitos da cultura pomerana; violência e agressividade pomerana; enfrentamento da violência e agressividade.

4.3.1 Hábitos da cultura pomerana

Inicialmente a literatura discute os hábitos da cultura pomerana no território de Santa Maria de Jetibá, afirmando que alguns hábitos e costumes ainda estão presentes no cotidiano dos descendentes desta etnia, como por exemplo, as festividades e os feriados de caráter religioso, a forma de organização das comemorações dos casamentos, batizados e confirmação, o papel da mulher nas grandes decisões da organização das propriedades e alguns comércios no interior, popularmente conhecidas como “vendas” e a própria língua pomerana¹⁷. Porém, os resultados encontrados foram confrontados com a literatura, pois muitos dos participantes, não sabiam definir quais eram os hábitos e costumes dos pomeranos, tanto em questão a sua própria família quanto de uma forma geral.

Interpreta-se que o “não saber” da cultura pomerana pode estar relacionado com a “germanização” na época que a Pomerânia existia, e as grandes dificuldades encontradas quando chegaram ao Brasil e também com a miscigenação que vem ocorrendo no município. Parte da explicação para tal desconhecimento pode também se dever à perda de contato das novas gerações com os hábitos e práticas dos primeiros descendentes, havendo uma aculturação pelo contato com as realidades sociais dos demais povos que compõem a cultura brasileira.

4.3.2 Violência e agressividade pomerana

Os conflitos envolvendo pomeranos no território de Santa Maria de Jetibá foram apontados pelos participantes como devidos à depressão. Os principais motivos que estão relacionados são: a questão financeira, estresse, muito trabalho e, além disso, o alcoolismo aparece como fator desencadeador. A literatura aponta que a falta de energia ou vigor de comportamento, citada como principal sintoma depressivo entre os descendentes de pomeranos, poderia estar relacionada com a enorme importância que o trabalho e a capacidade de trabalhar exercem neste grupo¹⁸. Segundo Capucho e Jardim¹⁹, essa incidência pode estar relacionada com características contextuais referentes a uma vida marcada por um fechamento da comunidade, além de uma rotina muito marcada por poucas atividades sociais, especialmente no ambiente rural.

Em relação à agressividade, os participantes relataram que os pomeranos não são agressivos, mas são desconfiados, têm um jeito de ser “fechado” e não demonstram o que sentem. Quando abusam de álcool ou outras drogas, ou até mesmo utilizam agrotóxicos inadequadamente, aparentam agressividade. Entretanto, a agressividade aparece como ponto crucial em relação a homicídios e suicídios no território de Santa Maria de Jetibá¹⁰.

4.3.3 Enfrentamento da violência e agressividade

Os participantes relataram que os pomeranos enfrentam a violência e agressividade sozinhos, em silêncio. Possuem dificuldades de pedir ajuda e com isso acabam se fechando e criando pensamentos negativos. Nas referências utilizadas e pesquisadas não foi encontrado nada que se relacionasse com o enfrentamento da violência e da agressividade dos pomeranos.

5. Considerações finais

A pesquisa proposta teve como objetivo realizar uma investigação qualitativa a fim de identificar elementos que pudessem colocar em discussão como vivem e quais são os hábitos dos descendentes pomeranos e se, de alguma forma, estavam relacionados com a violência e a agressividade, conforme a percepção deles. Não tivemos o objetivo de esgotar o assunto, mas de fornecer uma contribuição para o entendimento dessa comunidade tão pouco estudada.

Assim sendo, por ser um tema de pouco estudo, principalmente na área de psicologia, indicam-se mais estudos quantitativos e qualitativos a esse respeito, com objetivo de confirmar e até mesmo de trazer novos elementos para discussão. É válido averiguar o que de fato faz parte dos hábitos e costumes da cultura pomerana e especialmente estudar como pomeranos lidam com a violência. Também podem ser observados fatores de risco para homicídios e suicídios no território de Santa Maria de Jetibá.

. A partir desses estudos, podemos propor acompanhamentos individuais, intervenções psicossociais e até mesmo psicoeducativas dos descendentes de pomeranos de Santa Maria de Jetibá. De todo modo, fica claro que iniciativas de prevenção a comportamentos agressivos devem incluir uma conscientização sobre o consumo abusivo de álcool e uma orientação sobre o uso adequado de agrotóxicos. Além disso, seriam de grande valia políticas de prevenção e tratamento psicológicos para depressão, ansiedade e isolamento social.

Referências

1. Jacob JK. A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1ª ed., 1992.
2. Rölke HR. Descobrimos raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. 1ª ed. Vitória: UFES, 1996.
3. TV Gazeta/ES. Conheça os pomeranos e saiba como eles chegaram ao ES. [Internet]. Raízes–Globo.com. Acesso em 01/10/2014. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/tvgazetaes/raizes/noticia/2014/01/conheca-os-pomeranos-e-saiba-como-eles-chegaram-ao-es.html>.
4. Bahia J. A "lei da vida": confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. Rev Educação e Pesquisa. 2001; 27(1):69-82.
5. Gonçalves DP. Muitas lágrimas custaram esses pães: etnia e memória na formação contrastiva das identidades. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2009.
6. Bahia J. O tiro da bruxa: identidade, magia, religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
7. Werlang BSG, Botega NJ. Comportamento suicida. Porto Alegre: Artmed, 2004.
8. Pavesi PP. Vidas Interrompidas _ Culturas, Suicídio e Identidade: Dores e Delícias de Subjetividades em Movimento. Vitória: DIO, 2009.
9. Mello SC, Bertolote JM, Wang YP. Epidemiology of suicide in Brazil (1980-2000). Rev Brasileira de Psiquiatria. 2006; 27(2):131-4.

10. Macente LB, Santos EG, Zandonade E. Tentativas de suicídio e suicídio em município de cultura pomerana no interior do estado do Espírito Santo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 2009; 58(4):238-44.
11. Schmitt R, Lang MG, Quevedo J et al. Perfil epidemiológico do suicídio no extremo oeste do estado de Santa Catarina, Brasil. *Rev de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 2008; 30(2):115-23.
12. Falk JW. O suicídio na zona rural do município de Venâncio Aires - RS, de 1979 a 1991. [dissertação]. Porto Alegre: UFRGS; 1992.
13. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2010.
14. Ministério da Saúde (BR), Resolução 196/96, Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
15. Ministério da Saúde (BR), Resolução 016/2000, Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
16. Gomes WB. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicol. USP [online]*. 1997; 8(2):305-36.
17. Klug AQ, Dal Molin A, Tesmer DT, et al. A Cultura Pomerana no Rio Grande do Sul. Universidade Federal de Pelotas, 2012.
18. Lin J, Peruchi MM, Souza LH de, Furlanetto LM, Langdon EJ. Percepção e expressão de sintomas depressivos em três grupos culturais catarinenses: açorianos, italianos e alemães. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 2008; 57(1):2-8.
19. Capucho MC, Jardim AP. Os pomeranos e a violência: a percepção de descendentes de imigrantes pomeranos sobre o alto índice de suicídio e homicídio na Comunidade de Santa Maria de Jetibá. *Gerai, Rev. Interinst. Psicol.[online]*. 2013; 6(1):36-53.